



TUDO O QUE EU SEMPRE QUIS DIZER, MAS SÓ CONSEGUI ESCREVENDO,
DE MARIA RIBEIRO: CAMINHOS CONTEMPORÂNEOS DO EPISTOLAR?

EVERYTHING WHAT I ALWAYS WANTED TO SAY, BUT ONLY I GOTTA
WROTE, BY MARIA RIBEIRO: CONTEMPORARY PATHS OF THE
EPISTOLAR?

TUDO LO QUE SIEMPRE QUERÍA DECIR, PERO SÓLO CONSEGUI
ESCRIBIENDO, DE MARIA RIBEIRO: ¿CAMINOS CONTEMPORÂNEOS DEL
EPISTOLAR?

Vanessa Massoni da Rocha¹

Departamento de Letras Estrangeiras Modernas
Universidade Federal Fluminense
Rio de Janeiro. Brasil
vanessamassonirocha@gmail.com

Resumo

A publicação da obra *Tudo o que eu sempre quis dizer, mas só consegui escrevendo*, segundo livro da atriz, diretora, escritora e colunista de jornal *O Globo* Maria Ribeiro, lança novas luzes acerca da epistolografia brasileira. Publicado em 2018, o livro faz alusão à pluralidade e ao *patchwork* (Diaz, 2002) que definem as cartas, se inscrevendo nos limiões entre correspondência e crônica, apontando para a interpenetração de gêneros na contemporaneidade e rompendo com a premissa do diálogo epistolar. Este artigo estuda a “espontaneidade epistolar”, a “verdade epistolar”, as interfaces entre literatura e epistolografia e busca observar os caminhos da epistolografia contemporânea, analisando a importância do destinatário, a publicação de correspondências de intelectuais e celebridades e as interfaces entre diversos textos marcados pela escrita de si (cartas, diários, autobiografias, textos SMS, Instagram). Trata-se de atentar, igualmente, para como o gênero epistolar, considerado por Arrou-Vignod (1993) um gênero em extinção, continua a ser publicado nos dias de hoje no Brasil. Ribeiro escreve textos à celebridades brasileiras e internacionais, tirando partido da rede de amizade para compor um livro polêmico, aclamado pelo público e pela indústria do entretenimento. No âmbito acadêmico, aponta-se para o fato de que a autora rompe com o paradigma do diálogo epistolar, do dispositivo da resposta e com o famoso “puxar-conversa” (Andrade, 1982). Textos de Brigitte Diaz (2002), Marco Antônio de Moraes (2001), Roger Chartier (1991), Mário de Andrade (1982), Clarice Lispector (1998, 2002, 2007), Fernando Sabino (2011), Lucette Petit (2000), entre outros, contribuirão para nossas análises.

Palavras-chave: Epistolografia - Protocolo de leitura - Espontaneidade epistolar

Abstract

The publication of the book *Tudo o que eu sempre quis dizer, mas só consegui escrevendo* (Everything I ever wanted to say, but I only managed to write), according to the book of the actress, director, writer and columnist of the newspaper *O Globo* Maria Ribeiro, sheds new light on Brazilian epistolography. Published in 2018, the book alludes to the plurality and patchwork (Diaz, 2002) that define the letters, subscribing to the thresholds between correspondence and chronic, pointing to the interpenetration of genres in contemporary times and breaking with the premise of

epistolary dialogue. This article studies "epistolary spontaneity", "epistolary truth", the interfaces between literature and epistolography and seeks to observe the ways of contemporary epistolography, analyzing the importance of the recipient, the publication of correspondences of intellectuals and celebrities and the interfaces between different texts marked by the writing of itself (letters, diaries, autobiographies, SMS texts, Instagram). It is also a question of how the epistolary genre, considered by Arrou-Vignod (1993) to be a genre in extinction, continues to be published today in Brazil. Ribeiro writes texts to Brazilian and international celebrities, taking advantage of the friendship network to compose a controversial book, acclaimed by the public and the entertainment industry. In the academic context, it is pointed out that the author breaks with the paradigm of epistolary dialogue, the response device and the famous "pull-talk" (Andrade, 1982). Texts by Brigitte Diaz, Marco Antônio de Moraes, Roger Chartier, Mário de Andrade, Clarice Lispector, Fernando Sabino, Lucette Petit, among others, will contribute to our analysis.

Keywords: Epistolografia - Reading protocol - Epistolary spontaneity

Resumen

La publicación de la obra *Tudo o que eu sempre quis dizer, mas só consegui escrevendo* (Todo lo que siempre quise decir, pero solo conseguí escribiendo), segundo libro de la actriz, directora, escritora y columnista de periódico O Globo Maria Ribeiro, lanza nuevas luces acerca de la epistolografía brasileña. En el año 2000, el libro hace alusión a la pluralidad y al patchwork (Diaz, 2002) que definen las cartas, inscribiéndose en los umbrales entre correspondencia y crónica, apuntando a la interpenetración de géneros en la contemporaneidad y rompiendo con la premisa del diálogo epistolar. Este artículo estudia la "espontaneidad epistolar", la "verdad epistolar", las interfaces entre literatura y epistolografía y busca observar los caminos de la epistolografía contemporánea, analizando la importancia del destinatario, la publicación de correspondencias de intelectuales y celebridades y las interfaces entre diversos textos marcados por la escritura de sí (cartas, diarios, autobiografías, textos SMS, Instagram). Se trata de explicar, igualmente, cómo el género epistolar, considerado por Arrou-Vignod (1993) un género en extinción, sigue siendo publicado en la actualidad en Brasil. Ribeiro escribe textos para celebridades brasileñas e internacionales, aprovechando la red de amistad, para componer un libro controvertido, aclamado por el público y la industria del entretenimiento. En el ámbito académico, se apunta al hecho de que la autora rompe con el paradigma del diálogo epistolar, del dispositivo

de la respuesta y con el famoso "tirar-conversación" (Andrade, 1982). Los textos de Brigitte Diaz (2002), Marco Antônio de Moraes (2001), Roger Chartier (1991), Mário de Andrade (1982), Clarice Lispector (1998, 2002, 2007), Fernando Sabino (2011), Lucette Petit (2000), entre otros, contribuirán a nuestros análisis.

Palabras clave: Epistolografía - Protocolo de lectura - Espontaneidad epistolar

Recepción: 31-07-2018

Aceptación: 05-12-2018

“Não fica puta porque eu fico fazendo literatura, cartas inclusive”
(Ana Cristina César, 1999, p.57).

“Tem coisas muito íntimas, inclusive porque algumas dessas cartas eu jamais pensei em
publicar”
(Apud Racy, 2018, s/p).

INTRODUCCIÓN

Esse artigo se inscreve em minhas pesquisas sobre epistolografia, iniciadas durante meu doutoramento em Estudos de literatura na Universidade Federal Fluminense. A tese, intitulada *Por um protocolo de leitura do epistolar*, foi contemplada em edital da EdUFF e publicada em 2017 em versão reduzida.

Considerado em vias de extinção Arrou-Vignod (1993), o gênero epistolar reganha os holofotes brasileiros com a publicação da obra *Tudo o que eu sempre quis dizer, mas só consegui escrevendo*, de Maria Ribeiro, em 2018. Essa publicação reascende as indagações acerca do gênero epistolar, de sua capacidade de transformação e de suas premissas basilares.

Valoriza-se a relação da autora Maria Ribeiro com a epistolografia e algumas características epistolares, tais como seu caráter proteico e multifacetado inscrito na tríade ‘recepção, leitura, resposta’, estudados por Lucette Petit (2000). Investiga-se, à guisa de respostas à pergunta sobre os caminhos contemporâneos do epistolar, as convergências e distopias entre a epistolografia e a crônica, entre destinatário e interlocutor e entre vocativo e título. Discute-se o arrefecimento das publicações de correspondências e o ainda crescente interesse por esse tipo de publicação. O livro faz alusão à pluralidade e ao *patckwork* (Diaz, 2012) que definem as cartas, tirando partido dos limiares entre correspondência e crônica, apontando para a interpenetração de gêneros na contemporaneidade e rompendo com a premissa do diálogo epistolar. Este artigo estuda a “espontaneidade epistolar”, a “verdade epistolar”, as interfaces entre literatura e epistolografia e busca observar os caminhos da epistolografia contemporânea, analisando a importância do destinatário, a

publicação de correspondências de intelectuais e celebridades e as interfaces entre diversos textos marcados pela escrita de si (cartas, diários, autobiografias, textos SMS, Instagram).

Maria Ribeiro é atriz, diretora de cinema, escritora e colunista do jornal *O Globo*. Estreou na televisão em 1994 na minissérie *Memorial de Maria Moura*. Dez anos mais tarde, interpretou Malvina, esposa de Leôncio, proprietário apaixonado de Escrava Isaura, no remake de uma das novelas mais importantes da dramaturgia brasileira, baseada em romance homônimo (1875) de Bernardo Guimarães. De 2013 a 2016 foi uma das quatro apresentadoras do programa de televisão *Saia Justa*, que investe em conversas sobre assuntos da atualidade. Em 2007 e 2010 participou dos filmes *Tropa de Elite* e *Tropa de Elite 2*, vencendo o prêmio qualidade Brasil como atriz coadjuvante. Em 2015, o *Los Angeles Brazilian Film Festival* lhe premiou como melhor atriz coadjuvante por Silvana, do filme *Entre nós* de Paulo e Pedro Morelli, lançado dois anos antes. A personagem Rosa, do filme *Como nossos pais* (2017), de Laís Bosansky, lhe rendeu o prêmio de melhor atriz no festival de Gramado, a mais importante premiação cinematográfica brasileira. Seu currículo artístico compõe quase vinte peças de teatro, três filmes como diretora, sendo um curta e dois documentários e dezessete filmes como atriz. No âmbito literário, publicou dois livros: *Trinta e oito e meio*, de 2015 e *Tudo o que eu sempre quis dizer, mas só consegui escrevendo*, de 2018. Desde 2017 assina uma coluna de comportamento e cultura no Segundo Caderno do jornal carioca *O Globo*.

Encontramos entrelaçamentos entre Maria Ribeiro e a epistolografia no filme *Entre Nós*, de 2014. O filme foi assim apresentado por Ailton Monteiro:

A história começa no ano de 1992, quando uma turma de amigos se reúne para escrever cartas para si mesmos e colocá-las em uma caixa para ser enterrada. O objetivo é abri-las dez anos depois e ver o que mudou em suas vidas. Uma espécie de cápsula do tempo. Todos aqueles amigos tinham sonhos de se tornarem escritores. Acontece, porém, uma tragédia: um deles morre em um acidente durante aquela reunião. E só somos apresentados aos personagens novamente exatamente dez anos depois, quando eles retornam para ler as tais cartas. (Monteiro, 2014, s/p)

Caminhos do epistolar

Reconhecemos na trajetória profissional de Ribeiro a premissa das cartas como veículos que promovem encontros, estimulam o desvendamento pessoal e permitem “atar as duas pontas da vida” (Assis, 1997, p.17), para nos valermos da célebre expressão de Dom Casmurro, personagem de Machado de Assis. Trata-se, aqui, de cartas escritas para si mesmos e guardadas como páginas de diário capazes de fazer dialogar o epistológrafo em dois momentos de sua trajetória. Maria Ribeiro endereça a si mesma duas cartas em *Tudo o que eu sempre quis dizer, mas só consegui escrevendo*. Em 2018, aos quarenta e dois anos, Maria escreve para si mesma aos 18:

Você também não sabe que, lá na frente, embora continue doendo sempre, você meio que vai se acostumar e vai fazer uso de alguns perrengues para escrever ou atuar (...) A vida é boa, Maria. Você vai ter filhos, amores, trabalhos bonitos; vai ter amigos, histórias, encontros. Mas o mais legal eu deixei por último: você vai ter você, companheira. Inteira e independente, e em cima de duas pernas firmes. (Ribeiro, 2018, p.54)

No filme, os personagens escrevem para si mesmos mais velhos, buscando inferir sobre seus futuros, fazendo planos, buscando antecipar metas, confabulando sobre suas vidas dali a 10 anos. No livro, Maria escreve cartas que não podem ser lidas por ela mesma, rompendo todos os paradigmas temporais. Lança cartas ao passado, buscando, pelo viés epistolar se reconectar com a moça e a jovem adulta de outrora. Em 2015, aos trinta e nove anos, escreve para si mesma aos 28 e discorre sobre abandonos, coragem e maternidade. Conclui a missiva com a sentença: “você é mãe, Maria. Todo o resto importa menos. Obrigada, João” (Ribeiro, 2018, p.110). Assim, Maria Ribeiro tira partido das potencialidades epistolares para subverter o tempo, resgatar a si mesma em outras épocas, reviver suas angústias, responder à suas inquietações. A Maria destinatária aos 18 e aos 28 anos não existe mais, não será possível um real diálogo tampouco uma resposta. Nesse sentido, as missivas ultrapassam, e muito, o objetivo primeiro da correspondência epistolar: estabelecer comunicação com um destinatário, conversando com ele por escrito. Logo, os protocolos epistolares se expandem e acompanhamos cartas que se tornam textos

poéticos, diários às avessas, construções inteiramente ficcionais e exercícios de cunho afetivo e psicológico.

Em reportagem assinada por Rayssa Cerdeira em 9 de maio de 2018 e publicada na coluna de Heloísa Tolipan, Cerdeira insiste na relação da autora com as correspondências:

Sobre o formato, Maria disse que se inspirou em Fernando Sabino e Clarice Lispector, e que a carta é uma maneira diferente de se comunicar. “Tem coisas que você só consegue falar escrevendo. Eu gosto muito do formato, leio muito correspondência de autores que admiro. É uma maneira diferente de perceber o autor, porque existe um descompromisso com a linguagem. São coisas escritas que não necessariamente seriam publicadas”, conta.

A ideia, a princípio, era escrever cartas para pessoas desconhecidas e distantes, como Woody Allen e Sigmund Freud. Mas Maria diz que sentiu a necessidade de escrever inclusive para pessoas próximas. “Eu decidi não hierarquizar. Eu quero escrever para os meus amigos, para minha família, para a minha mãe. Até para ela existem coisas que eu não consigo dizer ao vivo, que eu só consigo escrevendo”, disse. (Cerdeira, 2018, s/p)

A correspondência dos escritores brasileiros Mário de Andrade e Clarice Lispector nos permitem analisar os meandros do que que Ribeiro nomeou de “descompromisso com a linguagem”. Mário de Andrade (1982, p. 22) admite, em algumas cartas, uma escrita rápida e espontânea: em 18 de fevereiro de 1925, inicia a carta com a seguinte informação entre parênteses: “(a carta vai sem releitura)”. No mesmo ano, confessa “Perdi completamente o fio do assunto” (p.42) e em 1º de julho de 1930 escreve no *post-scriptum*: “Não releio. Corrija com amizade os erros que o calor da escritura engendrou” (p.159). Os avisos aparecem, aí, como advertências quanto a uma rapidez na resposta que possa ter comprometido a coerência de sua mensagem. Assim, a espontaneidade em excesso pode afetar a compreensão da carta e parece requerer uma explicação que norteie sua leitura, explicação sem a qual a carta pode ser apenas uma compilação de fragmentos disformes e nada encadeados. Contudo, Mário revela em outra carta que escreveu ao longo de alguns dias: “Fui deitar matutanto nesta carta” (p.52), o que revela que alterna cartas mais rebuscadas com outras elaboradas

no afã de responder ao interlocutor. Observamos a redação da carta como exercício intelectual de escrita no qual se narra, descreve, confessa e, igualmente, como fruto de escrita despreocupada, fluxo de pensamentos registrados no papel.

Mário, contudo, rejeita solenemente o preceito de franqueza na escrita. Ao se corresponder com Fernando Sabino (2003, p.24), defende: “Você, por favor, nunca venha me argumentando com as palavras ‘espontaneidade’ e ‘sinceridade’, tenho verdadeiro horror a elas. É a vaidade e também a desonestidade do artista que as inventou”. O missivista retoma o tema em carta posterior, de março de 1942, na qual se volta contra a ideia de sinceridade como parâmetro de escrita:

A sinceridade, a espontaneidade são coisas que se modificam constantemente, dia por dia. Têm de ser repudiadas como elementos conscientes da obra-de-arte que é artificial, arte fazer, arte feitura. Sinceridade, espontaneidade não pode ser elemento estético nem muito menos técnico! A sinceridade é, sem a gente querer. Como elementos conscientes da arte, sinceridade e espontaneidade só podem ser academismos, passadismos, preguiça e ignorância. Exclusivamente. Enfim: em arte não existe o problema da sinceridade. (Sabino, 2003, p.51)

Mário de Andrade recusa o argumento de sinceridade e espontaneidade como elementos técnicos e estéticos de escrita. Clarice Lispector (2007), por sua vez, demonstra inquietação e destempero quando o marido insiste em encontrar traços literários nas cartas que ela escreve:

Houve uma briga entre nós porque ele interpretou como literária uma carta que eu mandei. Você sabe bem que isso é a coisa que mais pode me ofender. Eu quero uma vida-vida e é por isso que desejo fazer um bloco separado da literatura. E além do mais, eu tinha escrito a carta com uma espontaneidade. (Lispector, 2007, p.23)

Na contramão do marido, o amigo Lúcio Cardoso reconhece a naturalidade das cartas de Clarice: “Clarice, não deixe de me escrever. Juro como seu amigo. Só que sou muito preguiçoso. Mas sob palavra que outra carta que receber sua responderei com um testamento de vinte páginas. E você escreve cartas tão lindas, tão naturais!” (Lispector, 2002, p.60). Ela mesma admite sua vocação para a escrita sem rascunho, espontânea, de um jato só: “Perdoe carta tão mal escrita. É que detesto recopiar, sempre que copio transformo” (p.71).

Em entrevista para o blog de Sony Racy no jornal *O Estadão*, de São Paulo, em 12 de maio de 2018, Maria Ribeiro discorre sobre o trabalho de escrita, contradizendo a espontaneidade e o descompromisso com a linguagem que preconizou em entrevista anterior:

Acha que a linguagem escrita está no centro das atenções com aplicativos como o WhatsApp?

Sim, às vezes eu fico horas pensando em uma frase que seja inteligente, concisa, espirituosa. Não é só porque está no WhatsApp eu não demorei para escrever. Penso muito nas minhas legendas no Instagram [...]. (Racy, 2018, s/p)

Marcos Antonio de Moraes (2001, p.14) contribui para nossas análises ao assinalar que “a instigante aproximação da carta ao texto ficcional traz à tona a problemática da escrita epistolar, gênero fluido em seus limites e prenhe de possibilidades literárias e pragmáticas”. Logo se vê que o debate acirrado entre missivistas que defendem e rechaçam a espontaneidade epistolar deixa transparecer o trabalho intelectual inerente ao ato de escrita, independentemente de seu gênero.

Em outros trechos da entrevista para Sony Racy, Maria se atém, mais uma vez, à sua verve epistolar:

Você sempre se interessou por essa linguagem epistolar? Sempre li muitos livros de correspondências. O de Jean-Paul Sartre e Simone de Beauvoir; Fernando Pessoa; Ana Cristina César; e mais recentemente as correspondências do Mario Sergio Conti com o Ivan Lessa. Eu curto cartas e sempre tive vontade de escrever para pessoas que fazem parte da minha vida, mesmo que elas não saibam. Como por exemplo, o Freud, a Winona Ryder, o Lula. Era essa sua ideia inicial, escrever para pessoas que jamais leriam suas cartas?

Sim queria escrever para o João Gilberto, para o Chico Buarque... Mas, depois eu pensei que não podia ser só isso. Eu gosto dessa coisa de mexer com a hierarquia. Então, por que o Freud é mais importante que um SMS para a minha terapeuta discutindo medicação? Eu acho engraçado brincar com essas linguagens. (Racy, 2018, s/p)

Desta vez, Maria traz à baila um novo aspecto de seu livro: o de escrever para pessoas importantes em sua vida que desconhecem, todavia, o lugar que ocupam. Escreve para um falecido, para uma atriz americana incapaz de compreender o português, para o

maior líder político do país e para dois cantores de notória timidez no meio artístico. Destes, apenas três poderiam interagir com ela. Para Chico Buarque escreve um SMS no avião e um texto no qual fala do cantor em terceira pessoa: “Fui ver meu namorado no palco na semana passada, e sabe o que mais lindo? Ele continua com pudor” (Ribeiro, 2018, p.213). Não chega a escrever a João Gilberto. Conclui a carta para Freud transformando-a numa carta tripla ao pai da psicanálise, à terapeuta Mônica, e ao inventor do medicamento controlado do qual faz uso contínuo:

Batizei meu primeiro e inesquecível labrador de Freud e to quase tatuando teu primeiro nome na minha virilha. Obrigada mesmo, viu? A você e a Mônica. E ao cara que inventou o Frontal. Essa é uma outra carta, mas eu queria deixar claro que sou fã dessa trinca. Vocês são meus reis magos, meu trio elétrico, minhas vigas mestras, iminha chance de estar aqui, meus maiores amigos. (Ribeiro, 2018, p16)

Mescla discursos em primeira e terceira pessoa, faz cartas coletivas que mencionam no título apenas um destinatário e promove uma meta-escrita ao definir que assuntos se inserem nessa ou em outra missiva. Deixa transparecer seu apreço por um gênero que parece tudo permitir, gênero que acena com a liberdade criadora que busca para si como colunista e cronista em ascensão. Tenta reproduzir na escrita o prazer que menciona ter na leitura das mais diversas correspondências de personalidades ímpares do panorama cultural mundial.

Emiliano Urbim, em coluna do jornal *O Globo* quando do lançamento do livro de Maria Ribeiro revela que ela é:

“louca por correspondência”. Desde sempre, a atriz, escritora e colunista do GLOBO escreve cartas. Detalhe: nunca as enviou. Agora, esse acervo está em “Tudo o que eu sempre quis dizer, mas só consegui escrevendo”.

Maria diz ser fã do vai-e-vem de mensagens entre autores como Ana Cristina César e Caio Fernando Abreu e também Clarice Lispector e Fernando Sabino. Cita também o livro “Cartas brasileiras”, organizado por Sérgio Rodrigues, como uma fonte de inspiração. Outro bom exemplo são os “retratos 3x4 de amigos 6x9”, série de miniperfis publicada por Millôr Fernandes.

— Acho essas mensagens uma forma maravilhosa de conhecer a História pelos detalhes, por um lado mais pessoal — diz a escritora. — Dizem que WhatsApp e Instagram foram ruins para a literatura, mas acho que hoje a gente exercita mais a escrita. (Urbim, 2018, s/p)

Chama a atenção o fato de o jornalista considerar um detalhe o fato do não-envio das cartas a seus destinatários. Cartas não enviadas rompem o diálogo epistolar, impossibilitam o “vai-e-vem” característico das correspondências. Cartas não enviadas acenam com a solidão da escrita, com o desejo de se utilizar a folha de papel como veículo apenas para a ordenação de ideias e não para a comunhão. Se a carta encarna este desejo de puxar conversa (Andrade, 1982, p.215), nada mais natural do que esta conversa ser enviada ao destinatário e continuada pelo interlocutor, que ele aceite este convite à tagarelice e se lance nessa conversa produtiva. De fato, Lucette Petit (2000, p.116) reconhece que as cartas estão implicadas na triangularidade formada por “recepção, leitura, resposta”, tríade que exige continuidade para a manutenção saudável do fluxo epistolar. O dispositivo de resposta se encontra no cerne do protocolo de leitura epistolar por fazer jus à especificidade desta escrita de si enquanto abertura para o outro e busca de diálogo junto ao destinatário. Se o remetente não obtiver resposta para sua missiva, seu desejo de se mostrar ao outro, de acolhê-lo e de com ele criar um fluxo de conversa não terá obtido êxito, e sua empreitada estará fadada ao insucesso. Uma carta sem resposta se configura como contato frustrado, mensagem que não percorreu plenamente seu destino e não aproximou interlocutores. Ela rompe, desta maneira, com o fundamento que caracteriza e difere a epistolografia de demais discursos do eu – diário, entrevista, testemunho, autobiografia, autoficção.

Outro aspecto chama nossa atenção. Emiliano Urbim (2018) afirma que Maria escreve desde sempre e que *Tudo o que eu sempre quis dizer, mas só consegui escrevendo* resgata seu acervo de correspondência. Contudo, ao analisarmos as datas que acompanham os textos, encontramos os seguintes dados: 10 ‘cartas’ em 2018, 45 em 2017, 39 em 2016, 5 em 2015, 2 em 2014, e uma em 2001, 2000 e 1997. Para esse levantamento, levamos em conta todos os textos, incluindo as que possuem mesmo destinatário. Consideramos, igualmente, mensagem de SMS e via Instagram. Os dados testemunham que as ‘cartas’ que compõem o livro são recentes e que parece

exagerado se fazer referência a um acervo quando a extensa maioria delas coincide com a possível assinatura de contrato com a editora para lançamento do volume.

Dentre as polêmicas que envolvem a publicação do livro, se destacam os comentários de que Maria Ribeiro se aproveitou do extenso círculo de amizade com artistas e celebridades para compartilhar ‘cartas’ que assegurariam ótimo acolhimento junto aos leitores, impulsionando a venda da obra. Vale ressaltar que a capa apresenta a extensa lista de ‘destinatários das cartas’, evidenciando vínculos afetivos e alimentando ainda mais a curiosidade dos leitores. Raffa Fustagno (2018), jornalista que mantém o site *A menina que comprava livros* critica a obra:

[...] vi muitos comentários negativos de que ela era ridícula por escrever coisas que deveria ter dito e estar usando gente famosa para vender livro. Vamos lá, se ela não fosse famosa e não andasse rodeada de pessoas famosas a gente nem se interessaria pelo livro, não é mesmo? (Fustagno, 2018, s/p)

Não se pode negar que Ribeiro possui uma lista de destinatários que ocupam os mais altos patamares do cenário artístico e cultural brasileiro: Neymar e Bruna Marquezine, Chico Buarque, Gilberto Gil, Fátima Bernardes, Gregório Duvivier, Fernanda Torres, Camila Pitanga, Domingos Oliveira, Paulo Betti e Caio Blat, estes últimos seus antigos companheiros e pais dos seus filhos, João e Bento.

Shelly Bronstein (2018) defende em seu blog que “para apreciar a obra na íntegra, é necessário, sim, um mínimo de curiosidade em torno de alguns bastidores célebres”. Por esta aura popular, a publicação do livro e sua recepção crítica ocupam tanto notas em colunas sociais quanto notícias do mundo do entretenimento. O site de curiosidades sobre famosos *Glamourama* propôs a manchete “Maria chegou de chinelo ao evento. Só trocou de sapato no meio da noite. É que ela tinha acabado de fazer as unhas do pé...” em 9 de maio de 2018, para comentar a noite de autógrafos do livro no Rio de Janeiro. A imprensa sensacionalista valorizou a vasta presença de famosos no lançamento e sagrou o livro como diário íntimo do momento, raios-X dos bastidores culturais do Rio de Janeiro. A jornalista Lu Lacerda publicou uma nota do

lançamento no dia 9 de maio de 2018 em sua coluna, chamando a atenção para o fato de não se avistar o fim da fila de autógrafos:

[...] tempo nem para um respiro extra. Vendo a cena, o namorado da atriz, Fábio Assunção (que passou boa parte do tempo no café, ao fundo), levou suco e sanduíche, amenizando o doce problema que é autografar até quase dar uma dorzinha no dedo. (Lacerda, 2018, s/p)

Diversos blogs de literatura apresentaram pequenas resenhas do livro ou pelo menos comentários, o que evidencia o modo como o livro se fez acolher junto ao público leitor. De fato, o livro de Maria Ribeiro possui todos os requisitos para transitar na lista dos livros de ficção mais vendidos em 2018. A recepção do livro privilegiou a relação da atriz com ex-maridos e com o atual namorado, a amizade com ex-mulheres e atuais companheiras dos seus ex-maridos, o desentendimento com Fátima Bernardes em seu programa de televisão, a vizinhança com Gilberto Gil, as viagens com Amora Mautner e a cumplicidade com Xico Sá, Gregório Duvivier e Bárbara Gancia. Para além da recepção interessada nas curiosidades das celebridades, se sagram oportunas críticas acadêmicas e literárias que buscam compreender os caminhos do epistolar na contemporaneidade e a importância da escrita tanto na construção quanto na manutenção da afetividade nos dias atuais, temas que norteiam a obra. Dentre eles, Mila Ferreira (2018, s/p) aponta no blog *De livro em livro*: “Acredito que todas as cartas tem um teor de autenticidade e honestidade bem profundas”, caindo nas armadilhas que mascaram a produção ficcional por detrás das missivas.

Ora, todo exercício de escrita se compõe de escolhas, de argumentos, de crenças ideológicas bem delineadas, de elipses, repetições, contradições e redundâncias que significam sobremaneira, de pontuações diversas, enfim, de toda uma gama de recursos que rechaçam as ditas espontaneidade e verdade epistolares. Todo texto é fruto de um exercício de criação e toda criação se alimenta de ditos e não-ditos que afastam por completo a verdade que insistimos em inculcar, no senso comum, como essência do texto epistolográfico. Não à toa, Maria Ribeiro proclama ter escrito um livro epistolar quando, de fato, se filia de maneira mais contundente à crônica. Ribeiro

vale-se da complexidade de categorização do gênero epistolar já apontada por Brigitte Diaz (2002) no livro *L'épistolaire ou la pensée nomade*, no qual declara que:

[...] as correspondências são textos híbridos e reticentes a todas as identificações genéricas. Gênero literário impossível de encontrar, elas flutuam entre categorias fluidas: arquivos, documentos, testemunhos. A tal ponto que não se sabe bem qual lugar lhes assegurar na geografia bem ordenada da literatura. (p.5)

Na ficha catalográfica do livro, sistema brasileiro de catalogação obrigatório das obras publicadas para acervos bibliográficos, há a definição da obra como “crônicas brasileiras”. Não há menção ao gênero epistolografia em claro entendimento editorial de que o texto não pode ser classificado como correspondência. Repelimos as definições puristas que invalidam as interfaces cada vez mais presentes entre gêneros, marca de uma contemporaneidade plural, complexa e polivalente. Por outro lado, não nos furtamos a reconhecer que dos oitenta e sete textos apresentados, cinquenta flertam sobremaneira com a crônica, se afastando do diálogo epistolar, premissa maior das correspondências. Esses textos não apresentam vocativo, rompendo o protocolo epistolar que determina que a identificação do destinatário deve vir no alto da carta, seja por nome, apelido, ou qualquer outra forma metonímica. Os textos não apresentam despedida, porém todos são assinados pela remetente e mencionam o ano em que foram escritos, à revelia de datas completas, marca característica da epistolografia. Todas as ‘cartas’ possuem um título que remete à identidade do destinatário, mas são títulos e não vocativos, uma vez que não apresentam pontuação. As cartas, em sua forma canônica, apresentam lugar, data, destinatário, mensagem, despedida, e, esse formato ocorre de maneira parcial apenas na parte inicial do livro. Conforme avançamos na leitura, o formato canônico da carta cede cada vez mais lugar à mensagens de Instagram, bilhetes, mensagens SMS e crônicas.

Por certo, podemos caracterizar a carta enquanto um “*patchwork*” (Diaz, 2002, p.172), capaz de aproximar todo tipo de texto que o missivista deseja acolher. A escrita epistolar, como se vê, pressupõe uma escrita criativa, plural, que nasce da fricção de diferentes maneiras de dizer o mundo. Deste modo, é um texto que concede grande liberdade de criação e de confissão ao seu escritor, uma vez que “a escrita epistolar é

uma escrita variável que migra constantemente de uma forma a outra e ignora as fronteiras de gênero” (p.97).

Encontramos menções ao caráter proteiforme das missivas em diversos estudos sobre a prática epistolar. O pesquisador francês Roger Chartier, por exemplo, considera que:

[...] a correspondência toma emprestado a todos os outros gêneros da escritura comum. [...] Porque, à diferença da agenda ou do diário íntimo, ela supõe um leitor que não é aquele que escreve, porque, contrariamente à fala viva, ela não exige o face a face, a correspondência institui uma ordem paradoxal que é a construção de um liame social a partir de um gesto subjetivo e singular. (Chartier, 1991, p.456)

Brigitte Diaz (2002, p.67), por sua vez, retoma uma definição de Balzac segundo a qual “a correspondência é um Proteu”. Deus marinho da mitologia grega, Proteu possuía a capacidade de se metamorfosear em criaturas monstruosas diante de perigo iminente. Ao fazer menção a tal personagem mitológico, Diaz coloca em cena a capacidade da carta de assumir diferentes facetas, dificultando uma leitura uníssona. Nem sempre a mensagem redigida pelo remetente será interpretada pelo destinatário tal como vislumbrada por seu autor. De fato, a instância epistolar se equilibra em possíveis mal-entendidos, em dúbias interpretações e na dificuldade de clareza e de transparência de determinado discurso. A ensaísta procura explicar tal significado ao justificar: “Proteu, porque ele é movente de um lado ao outro da cadeia” (p.67). Ela acrescenta que “as estratégias de complicação ou de dissimulação adotadas pelo remetente desencadeiam efeitos invariavelmente imprevisíveis no destinatário” (p.67), à proporção que “a carta segue um caminho que se crê retilíneo, mas que se perde em uma rede complicada de travessias e de bifurcações de si para si e de si para o outro” (p.64). Neste sentido, a carta se alimenta de atalhos, revelando a pluralidade de caminhos e de leituras que tornam a atividade epistolar uma experiência complexa.

Para além desta característica proteiforme, ligada aos ruídos da comunicação, podemos supor que a carta personifique Proteu também no caráter multifacetado de seu conteúdo. Diaz (2002, p.191) alega que “as correspondências são o livro das metamorfoses que os epistológrafos, tornados biógrafos, tentam ordenar em um filme coerente”. E, igualmente, a presença deste ser mítico pode ser reconhecida pela

tendência da carta em ignorar um discurso linear e uniforme e por revelar diferentes estados de ânimo e de estilos de escrita ao longo de dada correspondência. Assim, a carta acompanha as numerosas transformações que sucedem ao missivista durante a empreitada epistolar, oferecendo um múltiplo panorama de sua trajetória. Neste sentido, o missivista também é um Proteu pelo fato de poder mudar diante do destinatário e, para além disto, diante dos diferentes destinatários com quem se corresponde.

Em carta ao editor, Maria Ribeiro rejeita o convite de escrever um romance e explica o desejo e as motivações de escrever um livro de cartas:

Mas de verdade: não sei se sou capaz. Crônicas tudo bem, faz parte do meu pacote de ser meio espirituosa, meio engajada, ¼ ansiosa e 10% singela. Mas romance ainda não. Um dia, quem sabe? Vamos torcer.

Se você quiser a gente faz um livro de cartas. Tô lendo o do Ivan Lessa com Mario Sergio Conti e é sensacional. Os caras são geniais e ainda suprem a minha conta *Big Brother*. Pensa aí. (Ribeiro, 2018, p.188)

Ela defende sua predileção pelas conversas: “Sou um ser de grupo. Gosto de gente, gosto de falar, gosto de ouvir, gosto de discordar, de mudar de ideia, de formular teses e antíteses, de criar polêmica, de aprender” (Ribeiro, 2018, p.200) e complementa “ainda não inventaram nada mais bonito do que a conversa franca a atenta” (Ribeiro, 2018, p.200). Salta aos olhos a incongruência entre o apreço ao grupo, às trocas e ao diálogo em um livro composto de cartas unilaterais, pois não enviadas aos destinatários e, logo, não lançadas no movimento de troca epistolar. Não há respostas, não há nada a ouvir dos destinatários. Não há cartas escritas por outros autores: somente a voz da remetente para diversos ‘destinatários’, cartas sem eco, sem encontros. Nesse aspecto, Maria Ribeiro fere a supremacia do diálogo, supremacia que constitui a identidade basilar da epistolografia. Girard (1986, p.20) nos lembra que “a carta contém um apelo, espera uma resposta, anuncia ou dá continuidade a um diálogo, ela é a ruptura da solidão e um instrumento de comunicação entre duas consciências.” Outrossim, cartas não enviadas parecem dar a ver textos que se utilizam de forma epistolar para constituir textos afins, como diários ou crônicas.

Ao retomarmos a carta ao editor, verificamos que Maria Ribeiro aventa certa hierarquia entre romances e crônicas, atentando para o fato de que a escrita de cartas supre sua verve curiosa, sempre pronta a acompanhar diálogos e relações travados por outros. Ora, aqui a escritora parece tratar cartas e crônicas como um mesmo e único gênero textual. Ela valoriza os muitos pontos de convergência entre os gêneros, dentre os quais podemos destacar: textos curtos em primeira pessoa, normalmente em linguagem coloquial repleta de oralidade e que versam sobre temas quotidianos, narrando-os. Salienta-se igualmente a relação de ambos os gêneros com o contexto histórico e temporal em que estão inseridos, o que permite vê-los como testemunhos de determinados momentos individuais e coletivos.

Segundo o professor e crítico literário Antônio Cândido (2003, p.89), em seu artigo “A vida ao rés-do-chão”, publicado originalmente em 1980:

A crônica não é um “gênero maior”. Não se imagina uma literatura feita de grandes cronistas, que lhe dessem o brilho universal dos grandes romancistas, dramaturgos e poetas. Nem se pensaria em atribuir o Prêmio Nobel a um cronista, por melhor que fosse. Portanto, parece mesmo que a crônica é um gênero menor. “Graças a Deus”, seria o caso de dizer, porque sendo assim ela fica mais perto de nós. E para muitos pode servir de caminho não apenas para a vida, que ela serve de perto, mas para a literatura [...].

[...] Ora, a crônica está sempre ajudando a estabelecer ou restabelecer a dimensão das coisas e das pessoas. Em lugar de oferecer um cenário excelso, numa revoada de adjetivos e períodos candentes, pega o miúdo e mostra nele uma grandeza, uma beleza ou uma singularidade insuspeitadas. Ela é amiga da verdade e da poesia nas suas formas mais diretas e também nas suas formas mais fantásticas, sobretudo porque quase sempre utiliza o humor. Isto acontece porque não tem pretensões a durar, uma vez que é filha do jornal e da era da máquina, onde tudo acaba tão depressa. Ela não foi feita originalmente para o livro, mas para essa publicação efêmera que se compra num dia e no dia seguinte é usada para embrulhar um par de sapatos ou forrar o chão da cozinha”.

Contudo, no que tange às especificidades percebidas entre os gêneros, pode-se aludir ao fato de a epistolografia antevê determinado interlocutor a quem a mensagem é endereçada e de quem se espera uma resposta. O pacto do diálogo e da conversa se torna incontornável. A escrita da carta busca se moldar ao destinatário, compondo

uma escrita altamente pessoal e íntima capaz de presentificar (Landowski, 2002, p.167) o interlocutor. Há igualmente presença de data e de vocativo antes da mensagem e despedida e assinatura após a mesma. A epistolografia, ao contrário das crônicas, é considerada gênero em extinção pelo considerável arrefecimento de sua prática na contemporaneidade e por certa migração de sua prática para dispositivos tecnológicos, como blogs, mensagens instantâneas via e-mail ou whatsapp que incorporaram novos protocolos e condenaram ao passado a época de selos, envelopes e postagens nos correios.

Assim, cabe estabelecermos uma importante diferença apresentada na obra de Ribeiro: a diferença entre interlocutor e destinatário. O primeiro consiste naquele que participa da conversa, do diálogo enquanto o segundo encarna aquele para quem endereçamos a missiva. Ribeiro, em sua 'encenação epistolar' confunde os limiares entre interlocutor e destinatário, fazendo seus leitores acreditarem se tratar de termos equivalentes. Ao atribuir nomes próprios que fazem referências à celebridades nacionais e internacionais aos títulos dos textos, Ribeiro externaliza seu interlocutor, uma pessoa que lhe vem em mente ao escrever aquela narrativa, uma pessoa a quem gostaria de dedicar o escrito, com quem gostaria de compartilhar aquelas ideias, lembranças e devaneios. Tal procedimento se mostra muito recorrente nas crônicas.

As celebridades em questão não se tornam destinatárias das cartas uma vez que não receberam os textos previamente e não foram convidadas para o diálogo epistolar. Não foram procuradas de maneira individual e personalizada. Descumpre-se a função por excelência da epistolografia em travar conversas por escrito. Assim, não há dúvida de que serão os futuros leitores da publicação os reais destinatários dos textos.

Cabe ressaltar que Maria Ribeiro se inscreve na contramão dos escritores canônicos que não permitiram a publicação de suas correspondências. Muitas correspondências foram publicadas postumamente, respeitando a intimidade dos escritores em vida. Maria, ao contrário, se vale da polivalência epistolar e escreve crônicas (que nomeia de cartas) com desejo deliberado de publicá-las. Mais do que isso, tudo leva a crer que deseja escrever e que opta veementemente pelo gênero epistolar como canal de

comunicação com seus leitores anônimos. Assim, o destinatário inicial se oferece como ponto de partida para um texto que não o inclui de fato, que não busca com ele travar conversa, que não o implica, que não lhe faz perguntas nem cobra respostas.

No que tange às publicações quase sempre póstumas de correspondências de escritores, podemos lembrar que Clarice Lispector faleceu em 1977 e suas missivas foram publicadas em 2002 (*Correspondências*) e em 2007 (*Minhas queridas*). Carlos Drummond de Andrade faleceu em 1987, sua correspondência com a sobrinha Flávia, intitulada *Querida Favita*, data de 2007. Drummond compila cartas a ele enviadas por Mário de Andrade em 1982, homenagem póstuma ao amigo quase quarenta anos após seu óbito. Fernando Sabino concordou com a publicação de suas correspondências nos últimos anos de vida. Ele faleceu em 2004 e publicou *Cartas a um jovem escritor e suas respostas* em 2003, *Cartas perto do coração* em 2001 e *Cartas na mesa* em 2000.

Em prefácio à edição de *A lição do amigo* – cartas de Mário de Andrade a Carlos Drummond de Andrade, de 1982, o poeta mineiro defende sua transgressão ao desejo de intimidade do amigo:

A publicação da correspondência de Mário de Andrade (...) envolve aparente desrespeito à vontade expressa do escritor, a quem repugnava a divulgação de cartas escritas no abandono da confidência ou mesmo para simples tratamento de assuntos imediatos [...]. É hoje ponto tranquilo que o *pai* de Macunaíma não deveria mesmo ser obedecido nessa proibição rigorosa. A obediência implicaria sonegação de documentos de inegável significação para a história literária do Brasil. (Andrade, 1982, p. ix)

Carlos Drummond de Andrade minimiza a importância da proteção epistolar do amigo com vistas a compartilhar a grandiosidade de seus escritos, missivas de grande relevância para a “antropologia cultural” (p.ix) brasileira.

Por sua vez, Maria Ribeiro não percorre os caminhos da homenagem tampouco os do diálogo. Ela se apropria da generosidade da forma epistolar para falar com pessoas falecidas (Freud, os cantores Tom Jobim e Belchior, o produtor Jorge Bastos Moreno, os atletas do time de futebol Chapecoense e Steve Jobs), pessoas que desconhece (Raquel do Waze, Madonna, rapaz assassinado por ataque homofóbico no Rio

Vermelho e X., menina estuprada aos 16 anos), ou quase desconhece (o motorista de Uber Osvaldo placa RTF6540) e até com objetos (o tênis All star azul lançado ao estrelato pela canção homônima de Cássia Eller), personagens literárias (Macabéa, do romance *A hora da estrela* de Clarice Lispector), filmes (*La la land*) ou instâncias psíquicas (o superego). Escreve, ainda, duas cartas para si mesma aos 18 e aos 28 anos. Os destinatários, nesse caso, configuram pretextos para cartas com múltiplas voações e interpretações: cartas-abertas, páginas de diário, pensamentos em voz alta e crônicas.

A pesquisadora Matildes Demétrio dos Santos (1998, p.24), ao dar continuidade à ideia das cartas como meio de se “puxar conversa”, define-as como “um ‘pensar alto com’”. Maria Ribeiro, todavia, parece ‘pensar alto sobre’, renunciando às potencialidades do diálogo e do encontro. Em carta para a atriz Camila Pitanga, Maria Ribeiro confessa “Mas eu vim aqui falar de você, Camila” (p.43). Ora, em uma carta a premissa central repousa em falar com o destinatário e não dele, transformá-lo em personagem, em ser ficcional forjado na tinta e no teclado do remetente. Tal dispositivo, todavia, figura no cerne das crônicas.

Em seus textos, Maria Ribeiro deixa transparecer o trabalho intelectual que rechaça a pretensa espontaneidade epistolar, como já fizeram Mário de Andrade e Clarice Lispector na parte inicial desse estudo. Em carta dupla para Carmem Verônica e Renata Sorrah, Maria confessa: “Toda quarta-feira eu abro o e-mail tensa. Mentira, não é toda, não. São duas quartas-feiras por mês. Duas. É que escrever ‘toda’ dava mais dramaturgia pra começar o texto” (Ribeiro, 2018, p.47). A título de curiosidade, a origem desse texto remonta à crônica do jornal *O Globo* intitulada *Carmem Verônica* de 22 de fevereiro de 2017. Em carta para Bárbara Paz, a autora pretende travar uma conversa com Bárbara ao iniciar a carta com o vocativo “Bá”. Ao longo do texto, contudo, começa a falar da amiga em terceira pessoa: “Achei bonito que a Bárbara tenha de alguma forma feito seu segundo *reality show*” (p.117). Por fim, em missiva para Debora Bloch, discorre sobre uma peça produzida por Bloch na qual “aquelas coisas que antes pareciam tristes ficavam bonitas e até um pouco engraçadas se

soubermos dizê-las. É o que estou tentando fazer agora” (p.124). É isso o que o livro parece proporcionar para sua autora: exercícios de escrita, práticas de como saber dizer coisas tristes para que se tornem, quem sabe, bonitas e engraçadas.

Em outros momentos, pontua seus escritos com fórmulas como “elementar, meu caro leitor” (Ribeiro, 2018, p.276) e menções à Carmem Verônica, editora do jornal *O Globo*: “Eu, pelo menos, ainda não encontrei (sugestões podem ser enviadas para Carmem Verônica, através do e-mail do jornal...)” (p.243).

É claro que essa coluna não tem nenhuma relevância a não ser para mim mesma. Que, com certeza, Carmem Verônica, musa máxima do jornal *O Globo* e minha verdadeira chefe nesse periódico, vai ser obrigada a me encaminhar vários e-mails desaforados perguntando o porquê de não termos uma colunista séria – em vez de uma atriz que se acha escritora. (p.229)

No livro, o último trecho acima integra uma “carta” ao filho João. A gênese do texto remonta, contudo, à crônica *Parêntesis* publicada na coluna de Mario Ribeiro de 10 de outubro de 2017. Assim, a autora explicita que escreve para publicar e que seu destinatário é muito menos para quem ela destina as cartas do que leitores do jornal e, posteriormente, da obra literária publicada em 2018. Nessa perspectiva, por que a autora não apresenta seu livro como uma compilação de suas crônicas do jornal? A mesma iniciativa foi tomada pela filósofa Djamila Ribeiro no livro *Quem tem medo do feminismo negro?*, de 2018. O livro reúne crônicas publicadas nos últimos anos no blog da revista *Carta Capital* e cada texto, com títulos ligeiramente modificados, faz menção explícita em notas de rodapé ao artigo original. Cabe ressaltarmos que o livro de Djamila Ribeiro conhece um sucesso de público e crítica nos âmbitos editorial e cultural no Brasil. O que causa estranheza no livro de Maria Ribeiro é o fato de crônicas se revestirem aparentemente de cartas, o que corrobora a sensação de uma publicação epistolar. Títulos dos mais diversos da coluna de jornal se transformam em nomes de grande relevância no patrimônio cultural, resignificando o texto e ampliando os graus de interesse. Aos leitores, a falsa impressão de lerem cartas e não textos reformulados ou quase idênticos às publicações pregressas que absolutamente não dialogam com o universo das correspondências.

Algumas crônicas apresentam algumas incongruências, como o texto para Fernanda Nobre, no qual lê-se “que nem essa foto aqui em cima” (Ribeiro, 2018, p.257). Não há, contudo, fotos, nem descrição de foto, nem ilustração alguma. Em texto destinado a Lula, ex-presidente do Brasil, rompe com as diretrizes do diálogo epistolar, abandona seu interlocutor primeiro e se espraia no âmbito cultural, dando sugestões aos leitores:

Mas agora é hora de chamar os universitários, todos lá do primeiro caderno (e recomendo também o sensacional artigo de Fernando Barros e Silva na Piauí desse mês). De volta à minha seara de comportamento, cinema, teatro e vida pessoal disfarçada de literatura, sugiro, para quem ainda não viu, Me chame pelo meu nome, filme lindíssimo do diretor italiano Luca Guadagnino. (Ribeiro, 2018, p. 243)

A suposta carta destinada a Lula tem sua gênese no artigo *Hoje, vírgula* publicado por Maria Ribeiro em sua coluna do jornal O Globo de 24 de janeiro de 2018. Assim, *Tudo o que eu sempre quis dizer, mas só consegui escrevendo* republica crônicas já antigas da artista e colunista envelopadas na aura das correspondências. Trata-se, desse modo, de publicação filiada à estratégias editoriais vinculadas à – sempre – voraz indústria do entretenimento brasileiro. Cada texto do livro vem acompanhado de uma sugestão de música e de filme que remetem ao destinatário e ao conteúdo em tela. Expandir os diálogos entre as artes parece ser o grande acerto do livro de Maria Ribeiro: ler os textos ao som da música sugerida permite novas experiências sensoriais e sinestésicas da leitura, publicação e canção se imbricando, se redefinindo, promovendo intertextualidades ricas e promissoras capazes de captar as interpenetrações artísticas da contemporaneidade. Buscar associar o texto a uma obra cinematográfica confere à leitura um jogo de linguagens: ver ou rever o filme em busca de mais elementos que desvendem o interlocutor. Logo do lançamento do livro, a plataforma digital *Spotify* disponibilizou para seus assinantes as músicas sugeridas por Ribeiro em uma lista com o nome do livro. A compilação musical não está disponível em plataformas gratuitas.

Nesse sentido, nos faremos acompanhar pela frase-síntese de Cesar, Freitas Filho y Hollanda (1999), que confessa: “É claro que estou sabendo da pouquíssima falta de inocência de uma carta” (p.238) e pela afirmação de Charles Bukowski, para quem “as

peças em geral são muito melhores por carta que em carne em osso” (2011, p.202). Ora, os dois autores realçam a experiência epistolar enquanto prática vinculada à reinvenção consciente de si que questiona e enfraquece os preceitos de espontaneidade, de inocência e de verdade que caracterizam, no senso comum, o epistolar. Mais uma vez, corrobora-se o jogo epistolar, jogo inserido em um sistema de regras e rituais nada ingênuos eleitos pelo missivista para a criação de seu retrato, de suas facetas sociais. Logo, os interlocutores tiram partido da proteção assegurada pela folha de papel para se colorirem e se descortinarem com as cores que melhor lhe parecem aos olhos do outro e de si mesmo. Trata-se, nessa perspectiva, de representação escrita, de elaboração memorialística capaz de melhorar traços, minimizar defeitos e reiterar determinadas características nesta empreitada intimista, artística e performática.

Por fim, tirando partido dos diálogos entre literatura e Instagram, entre o livro de papel e o mundo digital, Maria Ribeiro promove interfaces entre *Tudo o que eu sempre quis dizer, mas só consegui escrevendo* e sua rede social, como se vê nas seguintes publicações dos meses abril e maio de 2018:

Em 20 de abril: Porque a escrita dá coragem, porque a voz dá medo, porque o olhar denuncia. Viva a carta, o email, o sms, o whats app, o direct, o instagram, o twitter, o torpedo trazido pelo garçom.

Em 25 de abril: Varias pessoas ja tão com com #tudooqueeu semprequisdizer massóconsequiescrevendo e tao me marcando aqui, e nada me deixa mais feliz. Entao eu pensei numa coisa maluca: eh muito pedir pra voces escreverem uma carta, ou um sms, ou um bilhetin, pra alguem que voces tem vontade de dizer alguma coisa mas nao tem coragem de falar ao vivo? E marcarem essa hash? Fiquei com vontade de fazer uns videos lendo mensagens de outras pessoas pra colocar aqui...no minimo eh uma boa desculpa pra gente fazer umas declaracoes de amor por aí...

Em 4 de maio: As vezes me perguntam pra quem eu escrevo. Acho que escrevo pra mim, mas, no fundo, sempre quero ser lida, exibida que sou. Esse livro junta um pouco tudo isso: a coragem, a covardia, o amor pelos outros, a insegurança e a vontade de ser amada... enfim, tomara que meus instagramistas gostem. A partir de segunda, coloco no ar os videos lendo as cartas/mensagens que tenho recebido aqui. Uma mais linda que a outra...

Em 26 de maio: Tenho me sentido acompanhada por um monte de gente que não conheço vendo esse posts do #tudooqueeu semprequisdizermassóconseguiescrivendo, e isso me faz um enorme bem.

Suas postagens lançam desafios aos seguidores de enviarem cartas a quem desejam dizer alguma coisa mas só tem coragem por escrito ou por vídeo. Ao friccionar ambas linguagens e suportes, Maria Ribeiro alavanca a vendagem do livro através da *hashtag* criada para esse fim, ao mesmo tempo em que coleciona mais e mais seguidores na rede social. Transforma a publicação em uma espécie de círculo do bem, em corrente de afetividade, em visibilidade do afeto e do contato. Tenta transformar um livro claramente voltado para si mesma em um livro do diálogo; um livro que tira partido da suposta presença do outro apenas como mote para discorrer sobre suas questões, seus pontos de vista. Parece romper com o tom autobiográfico essencial à obra para transformá-lo em veículo de busca por alteridade. Subverte, mais uma vez, a ordem das coisas. Transforma um livro de cartas sem reais destinatários em obra que comunga com leitores virtuais. Tirando partido de definição da própria autora, para quem “escrever é escavação” (Ribeiro, 2018, p.68), ficamos com vontade de escrever para Maria e dizermos: “Maria, precisamos conversar” (p.235). Conversa-diálogo, conversa-encontro, conversa-epistolar. Você acredita que “quase já é muito bom” (p.240), mas o quase incomoda, o quase parece estratégia de marketing, parece caminho de segundas intenções. Menos quases e mais correspondências, Maria. Por mais diálogos e menos monólogos. “Pessoas são salvas por pessoas” (p.126).

CONCLUSIÓN

Para concluirmos nossas reflexões, retomaremos a pergunta presente no título desse artigo: *Tudo o que eu sempre quis dizer, mas só consegui escrevendo*, de Maria Ribeiro: caminhos contemporâneos do epistolar? para, à guisa de resposta, afirmarmos que a obra não nos parece realimentar o gênero epistolar. Trata-se de uma compilação de crônicas – algumas anteriormente publicadas em blogs e jornais de grande circulação – que tira partido da ambiguidade criada entre interlocutor e destinatário e entre título e vocativo para dar uma ilusão epistolar aos textos. Desde a capa da obra, os

interlocutores são exaltados e a pretensa ideia de diálogo, de troca epistolar e de conversa confunde a recepção do livro. Apesar de a ficha catalográfica defini-lo como crônica, a autora Maria Ribeiro, a mídia de entretenimento brasileira e os comentários de leitores apresentam o livro como cartas, o que alimenta a curiosidade em torno do livro, alavanca as vendas e parece agradar os saudosos do gênero epistolar. A tentativa de filiação do livro à epistolografia não parece, nesse sentido, nada ingênua. Promover um aparente diálogo entre as maiores personalidades do país e até internacionais fomenta a curiosidade dos leitores e lhes dá o falso poder de olhar por detrás da fechadura, marcas que explicam, por exemplo, a recepção extremamente acolhedora das correspondências, em geral, e do livro de Maria Ribeiro, em particular. Não nos parece possível pensar em caminhos plurais da epistolografia com novas interfaces e potencialidades do gênero quando a premissa maior da correspondência – o envio de mensagem destinada a um remetente com o qual se deseja travar um diálogo por escrito – for inobservada.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Andrade, M. de. (1982). *A lição do amigo: cartas de Mário de Andrade a Carlos Drummond de Andrade*. Rio de Janeiro, Brasil: J. Olympio.
- Andrade, C. de. (2007). Querida Favita: cartas inéditas. In F. Goulart de Andrade; M. Oliveira de. (Org.). *Cartas e família na obra de Carlos Drummond de Andrade*. Uberlândia, Brasil: EDUFU.
- Andrade, C. de. (1982) Apresentação. In ANDRADE, Mário de. *A lição do amigo: cartas de Mário de Andrade a Carlos Drummond de Andrade* (p. vii-xi.). Rio de Janeiro, Brasil: J. Olympio.
- Arrou-Vignod, J. (1993). *Le discours des absents*. Paris, Francia: Gallimard.
- Assis, M. de. (1997). *Dom Casmuro*. São Paulo, Brasil: Editora Klick.
- Bukowski, Ch. (2011). *Mulheres*. Porto Alegre, Brasil: L&PM.
- Bronstein, S. (2018). *Tudo o que eu sempre quis dizer, mas só consegui escrevendo*. Recuperdo de <http://www.equilibrioemvida.com/2018/07/tudo-o-que-eu-sempre-quis-dizer-mas-so-conseguí-escrevendo/>

- Candido, A. (2003). A vida ao rés-do-chão In *Para gostar de ler: crônicas*. Volume 5., p.89-99.
- Cerdeira, R. (2018). *Palavras não ditas e cartas nunca enviadas: Maria Ribeiro lança livro 'Tudo o que eu sempre quis dizer, mas só consegui escrevendo', que reúne homenagens, pedidos de desculpas e até 'DRS'*. Recuperado de <https://heloisatolipan.com.br/arte/palavras-nao-ditas-e-cartas-nunca-enviadas-maria-ribeiro-lanca-livro-tudo-o-que-eu-sempre-quis-dizer-mas-so-consegu-i-escrevendo-que-reune-homenagens-pedido-de-desculpas-e-ate-dr/>
- Cesar, A.; Freitas Filho, A.; Hollanda, H.de (Org.). (1999). *Correspondência incompleta*. Rio de Janeiro, Brasil: Aeroplano.
- Chartier, R. (Org.). (1991). *La correspondance: les usages de la lettre au XIXe siècle*. Paris, Francia: Librairie Arthème Fayard.
- Diaz, B. (2002). *L'épistolaire ou la pensée nomade: formes et fonctions de la correspondance dans quelques parcours d'écrivains au XIXe. siècle*. Paris, Francia: Presses Universitaires de France.
- Ferreira, M. (2018). *Resenha*. Recuperado de <http://www.delivroemlivro.com.br/2018/06/resenha-tudo-o-que-eu-sempre-quis-dizer.html#more>.
- Fustagno, R.(2018). *Tudo o que eu sempre quis dizer, mas só consegui escrevendo @planetativrosBR*. Recuperado de <http://www.meninaquecompravalivros.com.br/2018/05/resenha-tudo-o-que-eu-sempre-quis-dizer.html>.
- Girard, A. (1986). *Le journal intime*. Paris, Francia: Presses Universitaires de France.
- Glamourama. (2018). *Fabio Assunção faz o namorado prestativo em lançamento do livro de Maria Ribeiro*. Recuperado de: <https://glamurama.uol.com.br/fabio-assuncao-faz-a-linha-namorado-prestativo-em-lancamento-do-livro-de-maria-ribeiro/>,
- Lacerda, L. (2018). *Argumento: os doces problemas de Maria Ribeiro*. Recuperado de <http://lulacerda.ig.com.br/argumento-os-doces-problemas-de-maria-ribeiro/>.
- Landowski, E. (2002). A carta como ato de presença In *Presenças do outro*. São Paulo, Brasil: Perspectiva.
- Lispector, C. (1998). *A hora da estrela*. Rio de Janeiro, Brasil: Rocco.
- Lispector, C. (2002). *Correspondência*. Rio de Janeiro, Brasil: Rocco.
- Lispector, C. (2007). *Minhas queridas*. Rio de Janeiro, Brasil: Rocco.
- Monteiro, A. (2014). *Resenha: Entre nós*. Recuperado de <https://scoretracknews.wordpress.com/2014/03/31/resenha-entre-nos-filme-em-destaque/>

- Moraes, M. de. (2001). Afinidades eletivas. In M. Andrade de. *Correspondência de Mário de Andrade e Manuel Bandeira* (p. 13-33). São Paulo, Brasil: USP.
- Petit, L. (2000). A propósito de A correspondência de Fradique Mendes, de Eça de Queirós. In W. Galvão, N. Gotlib (Org.). *Prezado senhor, prezada senhora: estudos sobre cartas*. São Paulo, Brasil: Companhia das Letras.
- Racy, S. (2018). *Maria Ribeiro fala sobre seu mais novo livro*. Recuperado de <https://cultura.estadao.com.br/blogs/direto-da-fonte/maria-ribeiro-fala-sobre-seu-mais-novo-livro/>
- Ribeiro, D. (2018). *Quem tem medo do feminismo negro?* São Paulo, Brasil: Companhia das Letras.
- Ribeiro, M. (2018). *Tudo o que eu sempre quis dizer, mas só consegui escrevendo*. São Paulo, Brasil: Planeta do Brasil
- Ribeiro, M. (2018). *Instagram*. Recuperado de <https://www.instagram.com/mariaaribeiro/?hl=pt-br>,
- Ribeiro, M. (2018). Hoje, vírgula. *Jornal O Globo*. Recuperado de <https://oglobo.globo.com/cultura/hoje-irgula-22320811>,
- Ribeiro, M.(2017). Carmem Verônica. *Jornal O Globo*. Recuperado de <https://oglobo.globo.com/cultura/carmen-veronica-20961139>
- Rocha, V. (2017). *Por um protocolo de leitura do epistolar*. Niterói, Brasil: EdUFF.
- Sabino, F. (2001). *Cartas na mesa*. Rio de Janeiro, Brasil: Record.
- Sabino, F. (2003). *Cartas a um jovem escritor e suas respostas*. Rio de Janeiro, Brasil: Record.
- Sabino, F. y Lispector, C. (2011). *Cartas perto do coração*. Rio de Janeiro, Brasil: Record.
- Santos, M. dos (1998). *Ao sol carta é farol: a correspondência de Mário de Andrade e outros missivistas*. São Paulo, Brasil: Annablume.
- Urbim, E. (2018). *Maria Ribeiro faz livro de cartas nunca enviadas*. Recuperado de <https://oglobo.globo.com/cultura/maria-ribeiro-faz-livro-de-cartas-nunca-envia-das-22662229>

¹ Professora de língua francesa e de literaturas francófonas na Universidade Federal Fluminense (Rio de Janeiro, Brasil), onde atua como coordenadora da pós-graduação *Lato Sensu* em língua francesa e de literaturas francófonas. Autora do livro *Por um protocolo de leitura do epistolar* (EdUFF, 2017), fruto de sua pesquisa de doutoramento em Estudos de literatura na UFF.